

Arqueologia Medieval

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MERTOLA



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



Capa e Design Gráfico: Gil Maia

Execução Gráfica: Edições-Afrontamento, Lda.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

Periodicidade: Anual (Nº 1 Fevereiro / 1992; Nº 2 Fevereiro / 1993)

Preço de capa: Portugal — Esc. 3.500\$00; Espanha — PTE. 3.800\$00; Resto da Europa — PTE. 4.100\$00; Fora da Europa — 4.700\$00.

Edições Afrontamento, Lda — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal — Telefones: (02) 489271, 494880 — Telefax: (02) 491777

IBN QASI, REI DE MÉRTOLA E MAHDI LUSO-MUÇULMANO

ARTUR GOULART DE MELO BORGES

Há precisamente 842 anos — 14 de Agosto de 1144 — Mértola era subtraída ao domínio almorávida a favor de Ibn Qasi que, alguns dias depois, aqui era solenemente proclamado Imam.

O título que dei a este pequeno trabalho procura resumir o apogeu de uma vida de fervor religioso e ambição política, de amizades e traição, de vitórias, de idealismo, de contradições e de fracassos. Na verdade, Ibn Qasi, um muçulmano do extremo ocidente do Andaluz, proclamou-se mahdi, o anunciador e instaurador guiado por Deus de um novo reino de justiça, e atinge em Mértola o ponto mais alto da sua carreira político-religiosa — é aclamado Imam, o chefe da comunidade, o senhor destes povos que se revoltam contra a soberania almorávida.

Este reinado efémero e esta figura notável de místico e de político, com as circunstâncias que rodearam a sua ascensão e queda, podem fornecer muitos elementos para a compreen-

são dessa época e provocar outras tantas questões que ajudam a perspectivar a evolução do nosso passado. Assim, este trabalho não exaustivo pretende sobretudo, através dos dados disponíveis, contribuir para a divulgação da figura de Ibn Qasi e fazer uma leitura o mais integrada e dinâmica possível da sua personalidade e da sua acção no 2º quartel do século XII. Nesse sentido, após uma breve biografia, procurarei evidenciar os principais aspectos da sua vida como místico e como político.

De seu nome completo Abu'l-Qâsim Ahmad Ibn al-Husayn Ibn Qasi, supõe-se que terá nascido em Silves em data que se desconhece. Era descendente de *muladis*, cristãos convertidos ao islamismo, e, portanto, de família originária do Andaluz.

Disfrutava de boa situação económica familiar, visto que, após uma juventude despreocupada e dissoluta, vendeu todos os bens que possuía, distribuiu pelos pobres o rendimento obtido e, ostensivamente, entregou-se a

uma vida de ascese e estudo no duro caminho da iniciação sufi.

Em Almeria, onde viveu algum tempo, terá sido discípulo de Ibn al-Arif que então ali fazia escola e de tal modo notável em número de adeptos e qualidade de ensino que, por inveja e temor das implicações políticas, foi oficialmente denunciado e enviado prisioneiro para o Norte de África com um dos seus principais discípulos, Ibn Barrajan. O outro discípulo, al-Mayurki, mandado igualmente prender, conseguiu fugir.

Nesta sua peregrinação em contacto com os mestres sufis do Andaluz, Ibn Qasi terá aprendido ainda com Khallaf Alfah al-Andalusi e com Ibn Khalil, de Niebla, que, segundo Ibn al-Arabi, terão sido seus mestres espirituais.

Após este tempo de iniciação, volta a Silves onde terá continuado o estudo dos livros sufis, sobretudo de al-Ghazali e das «Epístolas dos Irmãos da Fidelidade», que já devia conhecer mas que eram então correntes em Silves. Nos arredores, manda construir uma *rábita* para onde se retira com um grupo de discípulos. Terá sido nesta altura que escreve a obra «Khal^c an-Na^clayn» (O Descalçar das Sandálias). As suas ideias espalham-se pelo ocidente do Andaluz e aumenta o número de aderentes, que serão conhecidos por *muridiun* (os noviços; sing.: *muridin*). É já então uma personalidade religiosa de grande relevo, atribui-se ou são-lhe atribuídos dons de clarividência, milagres de toda a espécie, inclusive a peregrinação a Meca, ida e volta, numa só noite. No auge desta exaltação religiosa proclama-se a si próprio al-Mahdi.

Não tardou a surgir a ocasião propícia para tentar, com a conquista política, o ambiente necessário para o desenvolvimento e implantação mais fácil das suas ideias religiosas. Assim, aproveitando o desvio de atenções pela pressão almóada no Norte de África e o envio de tropas para aquela zona, um grupo de adeptos de Ibn Qasi ataca, embora sem sucesso, a

fortaleza de «Muntaqût». Vários dos assaltantes foram presos e enviados para Sevilha, Ibn Qasi foge e mantém-se escondido por algum tempo.

Deveu-se a Ibn al-Qábila, seu partidário e íntimo, o primeiro grande sucesso: com 70 adeptos organiza uma emboscada e toma Mértola em 14 de Agosto de 1144 (12 de Safar de 539). Ainda tentaram os almorávidas reaver o castelo, mas, não o tendo conseguido, como retaliação devastaram os campos em redor. Quinze dias depois, em 1 de Setembro (1 de Rabi^c I), Ibn Qasi entra solenemente em Mértola e aí é proclamado Imam.

Entretanto, revoltaram-se Ibn Wazir em Évora e Ibn al-Mundhir em Silves, e acorrem a Mértola a submeter-se e prestar homenagem a Ibn Qasi. Como recompensa, Ibn Wazir recebe o governo de Beja e Ibn al-Mundhir o de Silves. Ibn Wazir regressa a Évora. Todavia, Ibn al-Mundhir é enviado por Ibn Qasi à conquista de outros territórios para leste, como tentativa expansionista e, em certa medida, de reforço da segurança do nóvel reino. Toma Huelva, Niebla e várias outras localidades da região e tenta o assalto a Sevilha. Derrotado, põe-se em fuga, deixa al-Batruji à frente de Niebla e regressa a Silves.

Como senhor de Mértola, Ibn Qasi mandou cunhar moeda própria. O dinheiro corrente almorávida já tinha dado aso a algumas perturbações. Conta-nos Ibn al-Khtib, que Ibn Qasi, quando proclamado Imam, distribuía dinheiro com grande liberalidade. Dizia-se inclusivamente que era um milagre pois o recebia directamente de Allah. Todavia, um camponês incrédulo, embora largamente gratificado, terá dito como era possível que o dinheiro vindo directamente do céu para ele trouxesse o cunho dos almorávidas. Ibn Qasi fê-lo pagar com a vida um comentário tão desfavorável à sua imagem.

Ibn Qasi não desiste de possuir o coração do Andaluz e, quando soube da revolta de

Ibn Hamdín em Córdoba, manda contra ele Ibn al-Mundhir e al-Batruji com tropas de Silves e Niebla. Regressam poucos dias depois sem nada ter conseguido.

Ibn Wazir, que se tinha visto preterido em todas estas lutas a favor de Ibn al-Mundhir, desentende-se com Ibn Qasi e fez uma aliança com Ibn Hamdín então senhor de Córdoba. Por tal facto, Ibn Qasi convoca-o à sua presença, mas obtém uma recusa terminante. Tal desobediência enfurece Ibn Qasi que envia contra ele Ibn al-Mundhir, que é derrotado e feito prisioneiro em Beja. Ibn Qasi, vendo-se ameaçado, resolve pedir auxílio e escreve ao soberano almóada no Norte de África que não lhe responde. É então que Ibn Wazir ataca Mértola e expulsa Ibn Qasi que corre a refugiar-se em Silves. Mais ou menos um ano terá durado o seu reinado em Mértola.

O grande vencedor é na altura Ibn Wazir, senhor de Mértola, Beja, Badajoz, Évora e terras a ocidente.

Ibn Qasi, em desespero de causa, resolve ir até ao Norte de África tentar obter pessoalmente o que não conseguira por carta. Abd al-Mu'min, que o acusava de se ter arrogado indevidamente o título de Mahdi, após muita insistência, acaba por recebê-lo e decide enviar à Península um exército comandado por Barraz, o que provavelmente só acontece depois da tomada de Marraquexe em Março de 1147 (18 de Shawwal de 541).

Sem encontrar grande resistência, as tropas almóadas ocupam Jerez, Niebla, Mértola, logo seguidas de Silves cujo governo é entregue a Ibn Qasi. Dirigem-se para Beja e Badajoz, mas, entretanto, Ibn Wazir submete-se e o exército regressa a Mértola para descanso e, provavelmente, devido ao rigores da estação. Um ou dois meses depois, Sevilha é cercada e tomada em 18 de Janeiro de 1148 (13 de Sha'ban de 542), já com a participação de Ibn Qasi e Ibn Wazir.

O exército almóada ia ocupando o território em nome de Abd al-Mu'min e mantendo nos postos de chefia os antigos senhores que se submetiam, submissão precária, como veio a verificar-se, a um soberano e a um reino para lá do estreito, e tão precária que, poucos dias depois da tomada de Sevilha, os almóadas são de lá expulsos e os chefes do Andaluz aproveitam para novamente se declararem independentes à excepção de Ibn Azzún, senhor de Jerez e Ronda.

A situação confusa e a escassez de notícias não permitem conhecer mais pormenorizadamente como as coisas se terão passado, mas tudo leva a crer que estes novos surtos de independências se devem ter mantido mais ou menos três anos, ou seja, até ao segundo quartel de 1151 (final de 545, início de 546), data em que Abd al-Mu'min convoca os chefes do Andaluz para Salé a fim de lhe prestarem homenagem. Todos acederam à excepção de Ibn Qasi, então sediado em Silves, disposto a não voltar a perder a independência tão dificilmente reconquistada.

Para fazer face à inevitável confrontação com Abd al-Mu'min, segue uma política relativamente frequente na época, procura aliar-se aos cristãos e pede auxílio a D. Afonso Henriques, já sobejamente conhecido no ocidente do Andaluz (Lisboa fora conquistada por ele pouco mais de três anos antes) e que lhe terá enviado, como sinal de aquiescência, um cavalo e armas.

Esta atitude, todavia, desgostou os habitantes da cidade, que resolveram assassiná-lo. Afastado o filho al-Husayn b. Ahmad b. Qasi simularam ter apanhado um homem a fazer pilhagem e, enquanto o chefe da guarda obtinha licença para entrarem com o prisioneiro na cidade, um grupo penetrou no palácio de Sharajibe, onde Ibn Qasi vivia, e mataram-no. Foi entre 16 de Agosto e 14 de Setembro de 1151 (Jumada I de 546).

ACTIVIDADE MÍSTICA

Com o domínio almorávida a situação religiosa sofreu algumas alterações que vão ser fundamentais para o desenvolvimento da mística sufi e para a reacção religioso-política de 2º quartel do séc. XII.

A religião islâmica passa a ser objecto de um novo fervor e convicção interior dos crentes, mercê sobretudo do papel dos juristas malikitas no reforço de uma certa intolerância para com judeus e cristãos, do incremento das escolas sufis e, inclusivamente, duma tomada de consciência mais forte dos cristãos da sua própria religião. Já não é apenas uma devoção formal e um dever oficial, mas uma aceitação consciente e vital do islamismo. Os novos senhores cultivam ostensivamente uma áurea de religiosidade e, conseqüentemente, os homens eruditos nas coisas religiosas — os juristas malikitas — voltam a ocupar um lugar privilegiado na sociedade, mesmo que para isso seja necessário exercer a censura e as pressões ideológicas.

A partir de Ibn Massara, no séc. X, e mesclado de início com o seu pensamento filosófico e sobretudo através dos seus discípulos que mantiveram florescentes alguns centros de actividade, o sufismo vinha conseguindo um desenvolvimento crescente. A difusão das ideias de Ibn Massara, aliada à das doutrinas de Ibn Hazm, de al-Ghazali e das «Epístolas dos Irmãos da Fidelidade», introduzidas no Andaluz no início do séc. XI, provocaram o aparecimento de novas escolas sufis dirigidas por alguns mestres de reconhecida capacidade e de grande popularidade e exercendo uma forte influência na sociedade. Prova disso, por exemplo, é a condenação pública, pelo centro de Almeria, do acto censório de Ibn Hamdín de Córdoba ao mandar queimar os escritos de al-Ghazali.

É precisamente à frente dessa escola de Almeria que sobressai Ibn al-Arif, cuja obra e

modo de vida marcaram decisivamente a vida sufi posterior no Andaluz. Entre os seus discípulos salientam-se Ibn Barrajan de Sevilha, talvez o mais caloroso opositor dos almorávidas e que chegou a ser reconhecido como Imam em 130 localidades, Abu Bakr al-Mayurki, que ensinou em Granada e viajou pelo Oriente, e Ibn Qasi, em Silves.

O ascendente destes homens sobre a população, o grande número de discípulos fervorosos, a vida austera, a facilidade e qualidade da sua doutrinação e, inclusive, a agitação que esta provocava ou podia provocar, geraram a desconfiança e a inveja dos chefes locais, e é assim que Ibn al-Arif é denunciado oficialmente pelo qadi de Almeria e é mandado seguir preso para Marraquexe, juntamente com Ibn Barrajan e al-Mayurki. Só este consegue escapar e segue para o Oriente, Ibn al-Arif morre envenenado, ao que parece ainda por intervenção do qadi de Almeria, e Ibn Barrajan é assassinado. Segundo Ibn al-Khatib, morrem os dois no mesmo ano — 1142 (537).

Se volto a referir estes factos é porque convém realçar a influência que estes acontecimentos persecutórios terão tido nas comunidades sufis sentindo-se atingidas nas pessoas dos seus chefes mais conceituados, o aumento de tensão que isso terá provocado e a ideia de revolta que se tornava cada vez mais latente. Se Ibn Qasi não foi atingido na mesma onda persecutória ficou a devê-lo provavelmente à distância da sua zona de influência e ao carácter talvez ainda incipiente da sua doutrinação.

Em Silves, Ibn Qasi encontrara ambiente propício para a propagação das suas ideias. Mandou construir uma rãbita nos arredores, onde formou uma comunidade de iniciação sufi. Como consequência da difusão e aceitação das suas doutrinas, o número dos discípulos aumentou consideravelmente. Segundo Ibn al-Khatib, era grande o entusiasmo pelo sufismo, inclusive até pelo ocultismo,

e era grande a popularidade de algumas obras tais como as «Epístolas dos Irmãos da Fidelidade» — uma notável enciclopédia onde, em forma de cartas dirigidas a possíveis simpatizantes ou noviços, se compendiam os grandes temas da cultura muçulmana de então.

Nessa época de vida ascética terá Ibn Qasi escrito o seu livro «Khal^C an-Na^Clayn» — O Descalçar das Sandálias — título derivado do Corão (Sura XX, 11-12): «Ó Moisés! Sou na verdade o teu Senhor; tira as sandálias, pois estás no santo vale de Tuna [junto ao Sinai]». O livro é todo ele dirigido aos iniciados e, por isso mesmo, em linguagem profundamente esotérica. Compõe-se de uma introdução e quatro capítulos, correspondentes a outros tantos graus da revelação — as Coisas do Reino Divino, do Paraíso, as Coisas «Muhammadianas» e as da Misericórdia Divina. Ao longo desses capítulos, subdivididos em muitas partes, são abordados um sem número de temas tais como a Criação, a divisão do Cosmos, a queda de Adão e o dia da Ressurreição, os atributos de Deus, a teoria óptica e a percepção das plantas e dos animais, o limbo, o céu e o inferno como duas manifestações de uma mesma realidade, e a Misericórdia de Deus. Não há qualquer referência explícita ou aparente à situação política ou de incitamento à revolta.

As influências mais evidentes recebeu-as de al-Gazzali, de quem chega a transcrever inteiras passagens sem indicação do autor, e das «Epístolas dos Irmãos da Fidelidade» que, embora não pareça ser determinante no conjunto da obra de Ibn Qasi, mostra o seu interesse por aquelas doutrinas. Além disso, as «Epístolas» veiculam um determinado modo de vida de cariz ismaelita que se caracteriza pela oposição aos detentores do poder inclusive religioso, e pelo elogio dos pobres, mais felizes e melhores que os ricos, o que de algum modo está em consonância com a opção e modo de vida ao menos inicial de Ibn Qasi.

Ibn al-Arabi, o maior de todos os místicos do Andaluz, estudou o livro de Ibn Qasi, que lhe tinha sido dado por um filho deste em Tunis, e deixou um comentário crítico bastante severo acusando-o de algum plágio e de insuficiência de certos conhecimentos. Todavia, em outras obras, apresenta referências favoráveis ao pensamento de Ibn Qasi e, ele próprio, o terá aproveitado na elaboração das suas doutrinas.

Está, portanto, fora de dúvida a importância da obra sufi de Ibn Qasi, tanto mais que no espaço de tempo que medeia entre Ibn al-Arif e Ibn al-Arabi nenhum outro texto do género terá sido escrito no Andaluz.

A acusação que lhe é feita, sobretudo por al-Marrakushi, de magia e ocultismo, homem cheio de truques e falsidades em virtude dos muitos milagres que anunciava ou lhe eram atribuídos, é inclusivamente uma prova da sua enorme popularidade. A todos os grandes mestres sufis, mesmo em séculos mais recentes, se atribuem poderes extraordinários e taumatúrgicos.

Em estudo recente (I Congresso sobre o Alentejo, Évora, Outubro 1985), procurei provar que a grande quantidade de pequenas construções de tipo quadrangular com cúpula hemisférica - as «Kubbas»- são um reflexo a nível arquitectónico da grande difusão do sufismo em toda esta região, com a vivência em pequenas comunidades isoladas, funcionando simultaneamente como postos de vigilância — rábitas —, apoio religioso e militar à guerra santa.

Embora as pretensões mahdistas sejam lógicas na evolução da doutrina de Ibn Qasi, não admira que, na exaltação religiosa da época, se tenha proclamado mahdí — o chefe guiado por influência directa de Deus, o restaurador de um novo reino anunciador do Fim dos Tempos. Essa auto-proclamação veio a dificultar-lhe mais tarde o entendimento com Abd al-Mu'min tendo que retratar-se

para ser recebido e obter a protecção almóada.

ACTIVIDADE POLÍTICA

Como referi de início, pode prestar-se a confusões a separação da actividade religiosa e política que, na verdade, para um muçulmano não existe. Política e religião não são incompatíveis, antes pelo contrário interpenetram-se, fundem-se, a religião é o suporte e a justificação de toda a actividade, inclusive a política. Com esta separação não se pretende dizer que Ibn Qasi deixou a vida religiosa para se dedicar à política, mas sim tentar entender de modo mais nítido a preponderância da actividade política do último período da sua vida.

Os sintomas de decadência da dinastia almorávida foram-se tornando evidentes — o luxo em contraste com a austeridade da primeira época, o reacender da intolerância religiosa para com judeus e cristãos, o domínio das tribos berberes sobre as antigas famílias do Andaluz privadas do poder, a pressão cada vez mais forte dos cristãos do Norte. Todavia, o factor determinante foi sem dúvida a derrota frente aos almóadas no Norte de África. É precisamente quando esta pressão almóada se intensifica sobre o domínio almorávida que Ibn Qasi, após uma tentativa gorada, aproveita para, através do seu homem de confiança Ibn al-Qábila, tomar Mértola a aí instalar o centro do seu poder. É então proclamado Imam.

Ibn Wazir, de Évora, e Ibn al-Mundhir, de Silves, reconhecem-no como senhor e prestam-lhe homenagem. Este facto, só por si, é significativo do prestígio de Ibn Qasi e da extensão e profundidade da sua actividade sufi.

A primeira preocupação de Ibn Qasi parece ser expansionista, o alargamento das fronteiras do seu reino. Logicamente a direcção desse movimento é o centro do império — Sevilha e Córdoba. Seria então o restaurar do reino

muçulmano peninsular de reconhecido esplendor, mas ultimamente dominado pelas dinastias berberes. Não conseguiu o seu intento, mercê do pequeno exército que possuía e, sobretudo, da oposição de outros chefes que, com a fraqueza almorávida, viam chegada também a sua ocasião e em regiões onde as doutrinas dos *muridun* não teriam a difusão obtida no extremo ocidente do Andaluz.

Outro revés se seguiria, esse sim de mais graves consequências. A acção de Ibn Qasi como político não parece, na verdade, ter a força e a capacidade da sua acção religiosa. Com Ibn Wazir começaram os desentendimentos e, à primeira vista, segundo as crónicas, terão sido motivados principalmente pela preferência dada por Ibn Qasi a Ibn al-Mundhir que se transforma em seu lugar-tenente dirigindo o exército no movimento expansionista. Parece, portanto, que Ibn Qasi não soube usar a estratégia adequada e avaliar a força e a capacidade dos chefes seus súbditos. Assim, acaba por ser derrotado por Ibn Wazir e expulso de Mértola.

Mais ou menos um ano terá durado a preponderância política de Mértola como centro do poder. Continuará como praça forte e ponto estratégico militar e comercial. O exército almóada lá irá reabastecer-se e recuperar forças antes do ataque a Sevilha. Todavia, quando do novo surto de independências algum tempo depois, o centro do poder já será outro: Ibn Qasi escolheu Silves, onde veio a ser assassinado.

A persistência e a determinação são características evidentes da personalidade de Ibn Qasi. Se já se tinham manifestado fortemente na sua acção no movimento sufi, mais se evidenciam ainda na consecução do objectivo político-religioso da tomada e conservação do poder, e isso sem olhar a meios. Retrata-se do seu papel de mahdi, alia-se aos almóadas, desliga-se deles na primeira oportunidade, volta a ser independente e para manter essa

independência procura a aliança e o auxílio dos cristãos.

Embora frequente na época, esse tipo de aliança com reis cristãos, foi tida pelos seus correligionários como uma traição, o que nos leva a pensar se isso terá sido apenas pela aversão criada para com o rei português, conhecido pela sua luta expansionista sem tréguas, se por outro lado Ibn Qasi já não teria caído em desgraça quer pela inflexibilidade para com os almóadas, quer pela contradição possível entre o seu modo de vida actual e o passado.

Outros chefes do Andaluz manifestaram outra capacidade política, mesmo perdida a independência, como foi o caso de Ibn Wazir que, após ter sido destituído do governo de Silves algum tempo depois da morte de Ibn Qasi, passa a viver em Sevilha onde é conselheiro experimentado e respeitado sobre as coisas do Andaluz junto do soberano almóada.

Tudo somado, fica-nos a impressão que Ibn Qasi, ele e o seu movimento, terão sido aproveitados sobretudo por Ibn Wazir em proveito da sua própria acção política.

CONCLUSÕES

Ibn Qasi tem de ser considerado um grande mestre sufi, sem o arcaboço de um Ibn al-Arif ou a profundidade teológica de Ibn al-Arabi, mas fundador de uma nova corrente sufi apoiada num texto filosófico-teológico que compendia as suas doutrinas.

Esta corrente adquiriu uma enorme popularidade e conseguiu numerosos discípulos, o que, aliado às pretensões mahdistas do seu chefe, ao incitamento à revolta e à fraqueza crescente da dinastia almorávida, permitiu a Ibn Qasi a tomada do poder.

Esta corrente inscreve-se no conjunto do movimento sufi que se desenvolve e vai formando uma nova mentalidade e consciência

religiosa mais propícia à eclosão dos movimentos independentistas das segundas Taifas.

Nesse movimento sufi é forçoso fazer-se a ligação entre Ibn al-Arif e Ibn Barrajan, feitos prisioneiros e mortos, e a rebelião de Ibn Qasi que, como uma passagem de testemunho, realiza com a sua vitória sobre os almorávidas uma espécie de desagravo.

A revolta de Ibn Qasi, embora tenha sido o despoletar das rebeliões anti-almorávidas, não está isolada, mas insere-se num vasto movimento independentista que se alarga por todo o Andaluz, desde os governos de breves dias aos mais duradouros como o de Ibn Mardanis (+1172), em Murcia.

As marcas do movimento sufi mantêm-se ainda hoje a nível arquitectónico pela forte influência que exerceu nas construções religiosas cristãs posteriores e, é importante frisá-lo, por via popular.

Embora por pouco tempo, Ibn Qasi atinge o apogeu do poder religioso e político no extremo ocidente do Andaluz. A falta de uma estratégia política adequada e o aproveitamento desse facto por outros chefes, precipitaram a sua queda.

Com Ibn Qasi, Mértola assume-se nessa época como o símbolo da luta contra o opressor e realiza a sua experiência de centro do poder político e religioso autóctone.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

IBN AL-ABBAR, *Al-Hulla as-Siyará*, ed. H. Mones, Cairo, 1963-64, (biogr. n.os 142, 143, 146); tradução de David LOPES em «Os árabes nas obras de Alexandre Herculano», in *Boletim da Segunda Classe*, III, 1909-1910, pp. 331-340.

IBN AL-KHATÍB, *Amal al-A^cmal*. Cit. e trad. em LOPES, *op. cit.*, pp 341-347, 362-368.

IBN KHALDÚN, *Ibar*, trad. De Slane, *Histoire des Berbères*, II, 1927; ver tb. LOPES, *op cit.*, pp 348-351.

GOODRICH, David Raymond, *A Sufi revolt in Portugal: Ibn Qasi and his Kitáb Khal^cal-Na^clayn*, (Ph. D.), Columbia University, 1978.

HUICI MIRANDA, Ambrosio, *História Política del Império Almohada*, Tetuan, 1956-1957.

LE TOURNEAU, Roger, *The Almohad Movement in North Africa*, Princeton, 1969, E1², III
DOMINGUES, J. D. Garcia, *História Luso-Árabe*, Lisboa, Pro Domo, 1945;

- «O Pensamento Filosófico-Teológico do Sufismo Muridínico», in *Filosofia*, 2, 1954;

- *Património Cultural Arabico-algarvio*, Lisboa, Casa do Algarve, 1956 (*Estudos Algarvios II*); *Novos aspectos da Silves arábica*, Guimarães, 1956;

«O Alentejo Árabe e a sua integração no Reino de Portugal», in *Independência*, 18, 1958, pp 37-61.

CRUZ HERNANDEZ, Miguel, *Historia del pensamiento en el mundo islamico*, II, Madrid, Alianza Editorial, 1982.

WATT, w. Montgomery, *Historia de la España islamica*, 5^a ed., Madrid, Alianza Editorial, 1982.

CHEJNE, Anwar G., *Historia de España Musulmana*, Madrid, Ediciones Catedra, 1980.

COCA CASTAÑER, José, Enrique Lopez, «Los reinos de Taifas y las dinastias Bereberes», in *Historia de Andalucia*, II, Cupsa Editorial, s.d., pp 55-56.

BAUSANI, Alessandro, *L'Enciclopedia dei Fratelli della Purità*, Napoli, 1978

VELHO, Martim, «A vida de Ibn Cássí narrada por Ibn al-Abar e a sua aliança com D. Afonso Henriques», in *Boletim da Junta Distrital de Évora*, 7, 1966, pp 99-105.

SHORTER ENCYCLOPAEDIA OF ISLAM, Leiden/London, 1961.

MARINHO, José Rodrigues, *Moedas Musulmanas de Beja e Silves*, Lisboa, 1968.

VIVES Y ESCUDERO, Antonio, *Monedas de las dinastias arabigo-españolas*, Madrid, 1893.